AVEIRO, 3 DE SETEMBRO DE 1976 — ANO XXII — NÚMERO 1124

Litoral

SEMANÁRIO

Director e proprietário — David Cristo — Administrador — Camilo Augusto Cristo — Redacção e Administração: Rua do Dr. Nascimento Leitão, 36 — Aveiro (Tel. 22261) Composto e Impresso na «Tipave» — Tipografia de Aveiro, Lda. — Estrada de Tabueira — Aveiro (Telefone 27157)

FÉRIAS

— Enquanto o pau vai e vem . . .

Problemas sociais

POLÍTICA *do* ESPÍRITO

DESIGUALDADE REALISTA

ZÉ-DE-VIANA

No puro aspecto intelectual, um país vale o que valem as suas «élites».

Ainda nesse mesmo terreno, é válida a regra de que se tem de operar de cima para baixo e não de baixo para cima — ao contrário da construção civil, que começa pelos alicerces e acaba nos telhados.

A concepção é oposta àquela que nos legou a Democracia maçónica e maçonizante, que tinha a obsessão da maioria e do número.

Emparedada nos limites desta ideia, a Democracia do Século XIX concentrou o seu esforço na instrução de nível primário ou subprimário, na convicção ingénua de que por esse processo atingiria resultados colossais em extensão e em qualidade.

Veio a verificar-se com o tempo que se estava diante de uma ilusão ingénua e de que não era esse o processo de atingir resultados sérios.

Para ensinar as primeiras letras, eram precisos mestres competentes — que não havia em quantidade bastante. Para formar estes mestres, eram precisos professores — que ainda eram muito raros. Para formar estes professores, eram precisos lentes universitários — que não abundavam (e com os saneamentos dos últimos dois anos, também hoje não abundam).

Tudo estaria certo, em suma, se se encurtasse a marcha e se começasse por criar um escol, qualitativo e quantitativo, adequado às nossas necessidades.

Porque isto não se percebia, a instrução primária obrigatória era um logro. Aprendia-

Continua na 5.ª página

PROPAGANDA *de* AVEIRO

Já a sair dos prelos — e com alguns exemplares concluídos, como primeiras provas — a Comissão Municipal de Turismo editou o magnífico folheto «AVEIRO-PORTUGAL», numa profusa tiragem (da ordem das centenas de milhares) e em seis línguas: Português, Espanhol, Francês, Inglês, Alemão e Russo. A literatura é correcta, porque cuidada, precisa e concisa — como o impõe a finalidade propagandística da publicação. Excelentes — quer no colorido, quer no enquadramento, quer na eleição dos temas — são as quatro dezenas de fotografias, que realçam, com inultrapassável mestria, panorâmicas, monumentos, interiores de museus, actividades laborais, barcos, praias, especialidades gastronómicas: o que de mais típico e relevante pode concitar o turista a uma interessada ronda pela variada e aliciante região aveirense. O folheto será complementado por um desdobrável essencialmente informativo, já em adiantada fase de execução.

PECADOS CAPITAIS *do* NOSSO TEMPO

JOÃO HENRIQUES FIDALGO

As várias fomes do homem — «Fome de Deus», «Fome de Pão», «Fome de Liberdade e Justiça», «Fome de Espírito», «Fome de Verdade», «Fome de Compreensão», «Fome de Paz» e «Fome de Jesus, Pão da Vida» — analisadas e reflectidas, sob o título genérico «A Eucaristia e as diversas espécies de fome da família humana», no 41.º Congresso Eucarístico Internacional, realizado de 1 a 8 de Agosto p.p., na cidade norte-americana de Filadélfia (a «cidade do amor», como lhe chamou William Penn e onde, há duzentos anos, se reuniram os representantes das treze colónias inglesas da América do Norte, não só a fim de votarem a sua Declaração de Independência, redigida por Tomás Jefferson, embora só reconhecida em 1783, pela Grã-Bretanha, através do Tratado de Versalhes, mas também para orarem pela liberdade e justiça), fizeram-me lembrar «os sete pecados capitais do mundo contemporâneo», enumerados e descritos, há alguns anos já, em Manchester (Inglaterra), perante numerosos jovens, por Hélder Câmara, o bispo do Nordeste brasileiro, muito conhecido dentro e fora dos círculos católicos e cristãos, e que, aliás, a propósito do tema «Fome de Liberdade e Justiça», também fez ouvir a sua voz, no Congresso agora celebrado.

Como, quanto a mim, são esses

Continua na página 3

NÃO ACONTECEU...

ARAÚJO E SÁ JÁ ENTENDI TUDO!

— Quanto mais leio menos entendo!

Assim me dizia colega e amigo meu. «Não aconteceu» ter sido um colega e um amigo qualquer, mas sim pessoa que estimo e venero, tamanhos os predicados que o caracterizam e que tão arredios andam daqueles que pontificam nos tempos que vão correndo. Meditei naquilo que lhe ouvi. Mas, desta vez, não o acentei. A minha rebeldia, de sempre, levou-me a contestar:

— Já nem leio, pois já entendi tudo...!

Li demais... Perdi tempo com a «miséria» de tanta cõisa vinda a público... Repugnaram-me os escritos de parede... Causaram-me nojo os panfletos baratos metidos por debaixo das portas à laia de reclame publicitário de detergente a usar nas máquinas caseiras que tiram a sujidade da roupa suja... Ia vomitando

Continua na página 3

Um barrista aveirense DE HOJE

ZÉ-AUGUSTO ultima trabalhos seus com vista a uma exposição em Outubro próximo. Disse-nos: «Ainda não é certo... talvez...». Zé-Augusto é assim mesmo: modesto, mas escrupulosíssimo; só mostrará coisa que valha — em seu exigente critério. Ora nós já vimos as mais recentes produções de Zé-Augusto — que valem mais pela qualidade do que pela quantidade; mas o que vimos, mesmo em número, justifica plenamente uma exposição — por isso o afoitamos a que mostre (ao público que já o admira e ao público que ainda lhe desconhece os merecimentos) os seus magníficos «bonecos» (ele assim lhes chama) em barro vermelho e, se possível, também algumas das suas excelentes cerâmicas policromas.

Zé-Augusto é, hoje, um dos mais lídimos representantes da multissecular e prestigiadíssima barrística aveirense — em cuja história se registam nomes de hábeis artífices e de notáveis artistas: se a variedade, a profusão e as qualidades plásticas das argilas locais desde sempre concitaram o íncola daqui

Continua na página 3

PANDEMOCRACIA

CRUZ MALPIQUE

PANDEMOCRACIA não é aristocracia de sangue, também não é autocracia ou aritmocracia, mas a fusão de todas as cracias num todo de que resulte a promoção do homem. A pandemocracia não é democracia de número, é metademocracia, porque tem no seu programa sacrificar a quantidade — apenas valor de encher — em proveito da qualidade, que é isso — e só isso — o que interessa em qualquer Estado.

Em democracia, homo homini deus: o homem será para o homem um deus.

Incondicionalmente? Mais devagar. Será, se mantiver a documentação da sua dignididade em ordem. Se atirar com a dignidade — a sua ou a dos outros — às ortigas, deixou de ter direito a que o respeitem.

A plebe no poder — no que a palavra plebe tem de pejorativo —

Continua na 5.ª página

Uma iniciativa do FAINA

«FAINA» — quinzenário popular de Aveiro, que iniciou a sua publicação em 1 de Dezembro do ano transacto — tomou a iniciativa meritória de propor: «uma troca de publicações entre todos os jornais da região aveirense e realização de reuniões amplamente convocadas, com o objectivo de definir linhas programáticas e encontrar formas de organização eficazes». Isto, considerando: «o papel fundamental que cabe à imprensa regional na luta contra o obscurantismo cultural e político; o contributo possível da imprensa regional para consolidação da Democracia e da Independência Nacional, consolidação que tem de passar pela luta contra o fascismo e o social-fascismo, contra o imperialismo e o social-imperialismo; a necessidade premente de os órgãos democráticos da imprensa regional encontrarem formas de organização que preservem os seus interesses».

A carta que nos foi dirigida — «um exemplar de muitas outras, precisamente iguais, enviadas cada uma a um diferente jornal regional» — começa assim: «É esta a primeira vez que a redacção e a direcção do jornal regional FAINA entra em contacto com o órgão de que V. Ex.ª é director. A surpresa que tal contacto vos pode provocar é preferível à morna passividade de quem pega numa carta irremediavelmente votada ao caixote de lixo ou ao canto esquecido de um dossier... Porque: a surpresa é o princípio da reflexão e da acção. Aquilo que queremos despertar em nós, despertando em vós, é a actividade. Numa palavra, o nosso primeiro grito é: Abaixo a passividade!»

Estamos de acordo: ABAIXO A PASSIVIDADE !

CONSIDERAÇÕES MARGINAIS

ARNILDE ALBERTO

Neste jornal, em 9 de Julho transacto, chamámos a especial atenção da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Ílhavo para o plinto do busto do famoso lobo-do-mar Arrais Ançã, na Costa Nova, que se encontrava em deplorável estado.

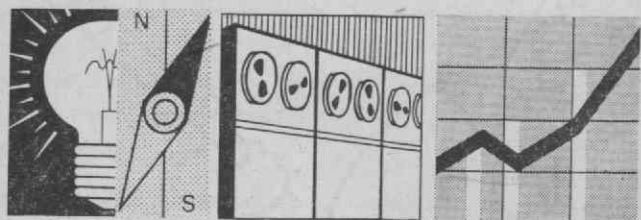
Muito grato nos foi agora verificar que o plinto já foi devidamente reparado, estando o busto do herói Ançã já bem sólido sobre a sua base.

Pena foi que, com a consolidação, se não tivessem restaurado algumas falhas do

Continua na 5.ª página

Desmonumentalização de Monumentos

em Aveiro

pela primeira vez

TÉCNICAS ESPECÍFICAS

- Curso Completo de Programação aos Computadores
- Curso de Contabilidade Básica
- Curso de Desenho de Construção Civil
- Curso de Electricidade e Magnetismo
- Curso de Electrónica Aplicada e Digital

GESTÃO FINANCEIRA DA EMPRESA

- Gestão Financeira à Posteriori
- Gestão Financeira Previsional
- Análise de Investimento

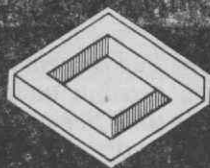
GESTÃO COMERCIAL

- Técnicos de Vendas
- Modernas Técnicas de Gestão de Stocks
- Controlo de Custos

GESTÃO ADMINISTRATIVA

- Organização das Pequenas e Médias Empresas para a Exportação
- Gestão de Recursos Humanos
- Modernas Técnicas de Secretariado

INFORMAX

Informações e inscrições
Externato de João Afonso
Rua José Estêvão, 30 – AVEIRO
Telefone 23773

AZULEJOS E SANITÁRIOS

— *garantia de qualidade e bom gosto* —

aleluia

CERÂMICA, COMÉRCIO E INDÚSTRIA, SARL
Apartado 13 · AVEIRO · PORTUGAL · Telef. 22061/3

VENDE-SE

— Club-Man 1 100, de 74, como novo, por motivo de retirada. Tratar pelo telefone 91 280, Fermelã, Estarreja.

ARMAZÉM

— para comércio ou indústria não ruidosa, 150 m2, bom local. Telefone 22 305.

PRECISA-SE ARMAZÉM

— para oficina de electrodomésticos; mínimo de área: 30 m2; dentro da cidade de Aveiro.

Tratar pelo telefone 24234 ou na Rua dos Combatentes da Grande Guerra, 83, Aveiro, das 9 às 12.30 e das 14.30 às 19 horas.

SERVIÇO

SIMCA SUNBEAM

PESSOAL ESPECIALIZADO — PEÇAS DE ORIGEM
Dirija-se às nossas oficinas:
Rua Hintze Ribeiro, n.º 63 — Telef. 27343 — AVEIRO
ALVES BARBOSA, AUTOMÓVEIS, LDA.
Concessionário Distrital

ROGÉRIO LEITÃO

MÉDICO-ESPECIALISTA
DOENÇAS DO CORAÇÃO

Consultas às segundas, quartas e sextas-feiras à tarde (com hora marcada).

Cons.: — Av. Dr. Lourenço Peixinho, 82-1.º E — Tel. 24790

Res. — R. Jaime Moniz, 18
Telef. 22677 AVEIRO

Dr. A. Almeida e Silva

ESPECIALISTA

Partos e Doenças de Senhoras

Consultas:

Rua Dr. Alberto Souto, 48-1.º Sala C

A partir das 16 horas

Telefones | *Consultório: 27938* | *Residência: 28247*

AVEIRO

J. Rodrigues Póvoa

Ex-Assistente da Faculdade de Medicina

DOENÇAS DO CORAÇÃO E VASOS

RAIOS X
ELECTROCARDIOLOGIA
METABOLISMO BASAL

No consultório — Av. Dr. Lourenço Peixinho, 49 1.º Dto.
Telefone 23875

a partir das 13 horas com hora marcada

Residência—Rua Mário Sacramento 106-3.º — Telefone 22750

EM ÍLHAVO

no Hospital da Misericórdia às quartas-feiras, às 14 horas.

Em Estarreja - no Hospital da Misericórdia aos sábados às 14 horas

---

J. Cândido Vaz

MÉDICO-ESPECIALISTA
DOENÇAS DE SENHORAS

Consultas às 3.as e 5.as a partir das 15 horas
(com hora marcada)

Avenida Dr. Lourenço Peixinho, 81-1.º Esq. — Sala 3

AVEIRO
Telef. 24788
Residência: Telef. 22856

A. FARIA GOMES

MÉDICO-ESPECIALISTA

ESTOMATOLOGIA
CIRURGIA ORAL
e REABILITAÇÃO

Consultas todos os dias úteis das 13 às 20 — hora marcada.

R. Eng.º Silvério Pereira da Silva, 3 - 3.º E. — Telef. 27220

AMORIM FIGUEIREDO

MÉDICO-ESPECIALISTA
OSSOS E ARTICULAÇÕES

participa a mudança do seu Consultório Médico para a Avenida do Dr. Lourenço Peixinho, ao n.º 54 (2.º andar), em

AVEIRO
(Telefone 24358)

Consultas:
2.as, 4.as e 6.as — 16 horas

Residência
Telef. 22660

LISBOA - F. DA FOZ - AVEIRO - LISBOA

Viagens Turísticas em Autocarros de Luxo «NOVO MUNDO»

Terças, Quintas e Sábados:
LISBOA: 17 horas — F. FOZ: 20,30 — AVEIRO: 21,45

Segundas, Quartas e Sextas:
AVEIRO: 7 horas — F. FOZ: 8,15 — LISBOA: 11,30

PREÇOS DESDE 130$00

INSCRIÇÕES

Agência de Viagens CONCORDE

(ex-Capotes)

AVEIRO: Av. Dr. Lour. Peixinho, 223 — Tel. 28228/9
ÍLHAVO: Praça da República, 5 — Telefs. 22435-25620
PORTOMAR (Mira): Fernando Pirré — Telef. 45136
ÁGUEDA: Rua Fernando Caldeira — Telefone 62353

PEÇA PROGRAMA DETALHADO

EM QUALQUER ÉPOCA

Faça as suas compras na

GALERIA **ICONE**

de Mário Mateus

Rua do Gravito, 51 — AVEIRO
(em frente à Rua Dr. Alberto Soares Machado)

Casa especializada em:

BIBELOS
PEÇAS DECORATIVAS
ARRANJOS FLORAIS

MÓVEIS
ESTOFOS
DECORAÇÕES

PAPEIS
ALCATIFAS

LACAGENS
DOURAMENTOS
FABRICAÇÃO DE MOLDURAS

Visite-nos e aprecie onde a qualidade anda a par com o bom gosto

---

M. COSTA FERREIRA

MEDICINA INTERNA

Consultas diárias (com marcação), a partir das 15 horas (excepto aos sábados)

Consultório:
R. Dr. Alberto Souto, 52-1.º

Residência:
R. Gustavo Ferreira Pinto Basto, 18 — Telefone 23547

Reparações • Acessórios
RÁDIOS - TELEVISORES

A. Nunes Abreu

Reparações garantidas e aos melhores preços

Av. Dr. Lourenço Peixinho, 232-B
Telef. 22359
AVEIRO

RUI BRITO

MÉDICO ESPECIALISTA

Ginecologista do Hospital de Aveiro — Doenças das Senhoras

Operações

Consultório:
Rua Dr. Alberto Souto, 34-1.º
Telefone 28210

Residência:
Rua Aquilino Ribeiro, 4-r/c
Telefone 28590

SAL DE AVEIRO

(ENSACADO OU A GRANEL)

COOPERATIVA AGRÍCOLA DOS PRODUTORES E TRANSFORMADORES DE SAIS MARINHOS DE AVEIRO (S.C.R.L.)

Escritório — Avenida Dr. Lourenço Peixinho, 118-2.º — Telef. 27367
Armazém — Cais de S. Roque, 100 — AVEIRO

ELECTRO VALENTE

Instalações Eléctricas

Reparações - Orçamentos

Rua das Vítimas do Fascismo, 88, cave (antiga Rua de Homem Christo Filho). Por detrás do edifício do Governo Civil —
Telefones 22414 - 22310 (P. F.)
Apartado 132 — AVEIRO

Reclangol

Reclamos Luminosos — Néon-Plástico — Iluminações Fluorescentes a cátodo frio — Difusores

Rua Cónego Maio, 101
Apartado 409
S. BERNARDO - AVEIRO

MAYA SECO

Médico Especialista

PARTOS — DOENÇAS DAS SENHORAS
Rua Dr. Alberto Souto, 11, r/c AVEIRO

NÃO ACONTECEU...

Continuação da primeira página

(não vomitei porque não calhou...) com as falas mansas dos leaders que botaram fala televisionada... Enojaram-me as barbas mal tratadas... Pareceram-me porcas as cabeleiras andrajosas... Magoaram-me os ataques pessoais, os enxovalhos, as mentiras e as críticas derrotistas... Chorei a falta de nível, a superficialidade, a barateza, a meninice do que me foi dado ler... Por isso «Já nem leio, pois já entendi tudo...!». *Antes não tivesse lido... E antes não tivesse entendido também... Por isso fiz fogueira com tanta coisa que me meteram por debaixo da porta... Por isso esqueci o politiqueiro fraseado dos megafónicos grandalhões da feira política onde tudo se vende a baixo preço... Por tudo isto — e por muito mais... — gastei uma noite de insónias com a leitura dos hábitos e dos costumes das gentes do «País do Sol Nascente», que tanto me vem apetecendo visitar, o que não faço por mera escassez de tempo e não por caricato receio de ser apelidado de burguês, para o que continuo a estar nas tintas... Irei, se tempo tiver, onde me apetecer, sem que para tal me sinta obrigado a dar cavaco ou prestar contas a outra «entidade» que não seja o estabelecimento bancário que me vem guardando meia dúzia de mil réis, que mais não traduzem do que míseras economias de uma vida inteira de trabalho. Porque hoje me apeteceu virar para o Oriente (o que nem é sinónimo de Leste...), acrescentarei que os Japoneses consideraram sempre o seu monarca como uma autêntica divindade. E, assim, no que toca à coroa nipónica, muitos exageros foram cometidos, alguns deles francamente irrisórios e caricatos. E, se não, vejamos. A construção da Perfeitura da Polícia de Tóquio foi interrompida pelo simples facto de se ter verificado que da sua torre seria possível ver o que se passava nos majestosos jardins do palácio imperial. Não porque lá se passassem coisas misteriosas, mas apenas porque esta vista permitiria, aos simples mortais, contemplarem o monarca nipónico da cabeça aos pés, o que seria autêntico sacrilégio. (Desnecessário me parece perder tempo com comentários...). O «Times» de Londres, em 1936, publicou um número especial consagrado ao Japão, em cuja capa vinha a fotografia do imperador Hiro-Hito. Pois bem. Este número, aparentemente inofensivo, só foi vendido no «País do Sol Nascente» após uma nota especial (oriunda, assim o creio, do Conselho de Ministros nipónico) que recomendava aos leitores que nunca pusessem nada sobre essa foto do imperador ou pousassem o jornal com ela voltada para baixo. Parece inadmissível, mas é verdade. E caricato também! Mais ainda: noutros tempos, o alfaiate da corte nipónica fazia os fatos do monarca a olho, sem tirar medidas e sem os provar, pois era proibido tocar o sagrado corpo do augusto cliente. Por idênticos motivos, os médicos, nem que das maiores sumidades se tratasse, eram obrigados a calçar luvas de seda quando auscultavam o imperial cliente. Acrescente-se ainda que Hiro-Hito e os seus antecessores nunca trajavam, em público, duas vezes o mesmo fato. Com eles presenteavam os funcionários subalternos da Casa Real que os guardavam, religiosamente, até ao fim da vida, não se atrevendo a vesti-los. Por outro lado, estava determinado que as viaturas imperiais fossem sempre castanhas e que mais ninguém, a não ser os membros da família real, tivessem um carro dessa cor. E, por falar em viaturas, recorde-se o episódio seguinte, anedótico, sem dúvida, mas totalmente verídico: certo dia, quando o c o r t e j o imperial passava por uma determinada rua de Tóquio, um jovem e inexperiente polícia sinaleiro, encarregado do trânsito dessa artéria, ficou de tal modo transtornado pela excelsa e rara honra de poder indicar o caminho a Sua Majestade, que se enganou e acabou por indicar uma direcção errada. Ao verificar o erro involuntário e ao ver, passado algum tempo, que o régio cortejo voltava para trás, desesperado e supondo-se desonrado para sempre, o agente suicidou-se ali mesmo, praticando o haraquiri. Eis alguns caricatos e desactualizados hábitos protocolares nipónicos que, a partir de 1945, deixaram de ter o rigor de outrora. É óbvio que tais exageros (como, aliás, todos os exageros) não podem merecer aprovação, pois o protocolo (mesmo régio), como de resto tudo na vida, tem os seus limites. Sobretudo por cá, nesta santa terrinha, no país mais democrático do Mundo, onde as liberdades chegam para dar e vender, onde todos se respeitam e ninguém se atropela, os hábitos nipónicos são considerados pré-históricos, dos tempos da «pedra-lascada», desactualizados. Pois claro que ninguém poderá concordar com exageros protocolares desta natureza. Ninguém, à excepção dos palacianos, daqueles que entortam a «espinha» nas vénias, dos que conspurcam os beiços com tanto beijar de mãos, dos que espartilham o pescoço com colarinhos engomados, dos que preferem ter calos nos pés a deixarem de usar incómodos sapatos de verniz, dos que utilizam o monóculo sem que padeçam de quaisquer perturbações da acuidade visual, dos que frequentam salões alcatifados, se bem que «ferrem o calote» ao merceeiro, e dos que vestem calças de fantasia que encobrem remendos nas cuecas. Estes ajoelham aos pés de Suas Altezas Reais, enquanto desprezam o desprotegido que não ganha o suficiente para viver. O motivo é sempre o mesmo: valem-se das mesuras, das vénias, dos sorrisos e dos salamaleques para serem notados, para subirem aos píncaros das ambições, para se debruçarem à varanda das conveniências pessoais, para se intalarem no poleiro da abastança e das honrarias. Isto por cá não é Oriente (e muito menos o Leste, cmo uma minoria deseja!). A «loiça» é outra, as coisas são diferentes (o que não quer dizer que sejam melhores!). Tratamos por «tu» o Ministro, mesmo que nunca o tenhamos visto mais gordo; comentamos os dotes físicos dos governantes, chegando ao desplante de se confidenciar que até se acha «feia» determinada figura grada da vida nacional; rotula-se de «Maria Pápoila» ou «Pombinha Branca de Rabo de Leque» o* leader *de um partido político maioritário; os títulos universitários (doutor, engenheiro, etc.) deram lugar ao «camarada», à igualha, à gamela única; vestem-se calças remendadas enquanto se aumenta a conta-corrente no banco; atira-se a gravata para o caixote do lixo porque convém que, à hora do comício, nos vejam os pêlos do peito; distribuem-se apertos de mão à medida que se arrecadam os votos; exibe-se o emblema segundo as conveniências pessoais; prega-se o «sermão» que nos é impingido pelos mandões do partido em que nos encontramos filiados. Por cá vem sendo assim. Sua Alteza Real o Imperador do Japão, na nossa terra, mais não seria do que o «camarada» Hiro-Hito... Arriscar-se-ia, até, a que lhe chamassem «feio», pois parece-me nem ser dotado de predicados de beleza maiores do que alguns que vêm segurando as rédeas da nossa governança...*

ARAÚJO E SÁ

PECADOS CAPITAIS DO NOSSO TEMPO

(Continuação da primeira página)

os principais «pecados» que, simultaneamente, estão na raiz das múltiplas fomes da humanidade e impedem ou dificultam o combate a elas, aqui deixo as palavras do arcebispo de Olinda e Recife, que continuam a ter reconhecida actualidade e a merecer empenhada reflexão:

«/.../ Para começar, permiti que enumere os sete pecados capitais do mundo contemporâneo, pecados que foram identificados e repudiados pela juventude.

«O primeiro é o racismo. *O racismo não é simples questão de brancos contra negros; é também sistemática atitude do branco que se fecha diante do branco. O racismo não é exclusivamente a perseguição dos judeus; é também o desprezo dos índios do oeste, dos paquistaneses. O racismo é uma atitude do homem que despreza e oprime o outro ser humano ou grupo de seres humanos, porque são de outra raça e de outra cor. O homem branco convenceu-se, noutro tempo, de que era superior ao homem de cor e de que tinha a missão especial de dominar o mundo. Mas pertence-lhe ajudar as raças mais pobres, para que alcancem um nível humano de vida: os negros na África, Estados Unidos, Brasil, Haiti; os mulatos na América Latina; os índios na América do Norte.*

«O segundo é o colonialismo. *Vós, jovens, sabeis que, no nosso tempo, o colonialismo já não tem lugar. Afastais, igualmente, o colonialismo doméstico, com o qual quero designar a existência de minorias privilegiadas, cuja riqueza se apoia na miséria de milhões de cidadãos. Os jovens aplaudem o realismo político e o valor com que o Reino Unido desmantelou o seu império, no qual se punha o sol. Os jovens são também muito rápidos em identificar o neocolonialismo, denunciado por João XXIII. Eles sabem que a independência política sem a independência económica é virtualmente inútil. Sabem que atribuir o baixíssimo nível de vida do Terceiro Mundo à incapacidade, preconceitos e falta de honradez dos povos de cor, é justificar as graves injustiças cometidas pelos povos desenvolvidos contra os subdesenvolvidos. Compare-se, por exemplo, os baixíssimos preços que se pagam pelas matérias-primas- dos países pobres e os preços invariavelmente altos que se pagam pelos produtos industriais dos povos ricos.*

«O terceiro é a guerra. *A guerra torna-se dia a dia mais desumana e imoral. Agora, nem sequer dá ocasião para praticar aquele aparente heroísmo dos guerreiros, que se estipulavam uns aos outros em valor e habilidade. A guerra mundial, como todos sabemos, põe em risco a própria sobrevivência da raça humana neste planeta, precisamente agora que o homem se sente capaz de alcançar, graças à tecnologia, um nível de vida verdadeiramente humano, para todos os homens de todos os continentes. Não é por medo que os jovens se opõem à guerra. É por desprezo e repugnância.*

«O quarto é o paternalismo. *O facto dos jovens repudiarem o paternalismo não tem nada a ver com os pais ou com o amor paterno. O paternalismo tem medo do despertar da consciência, quando os olhos se abrem para as realidades sociais. O paternalismo aborrece a atitude daqueles homens que, ingratamente, repudiam favores e exigem direitos. Hoje, os jovens sabem que, na raiz das discórdias existentes entre as classes sociais dum país, se encontra a atitude daqueles ricos que pensam que o problema pode ser solucionado com a ajuda, a generosidade e a adequada distribuição das migalhas que lhes caem das mesas. Um paternalista pensa que o rico que recebe a Lázaro é bom e que aquele que o põe fora é mau. Um paternalista crê que o patrão socialmente mentalizado deve respeitar a legislação social, pagar o salário legal, oferecer serviços sociais, abrir uma cantina e organizar um clube social. Fazer mais que isto, alterar as estruturas das indústrias ou dos negócios, é subversão e comunismo. Os jovens afastam igualmente o paternalismo nas relações entre os povos desenvolvidos e subdesenvolvidos.*

«O quinto é o fariseísmo. *Os jovens opõem-se a toda a manifestação de fariseísmo, e estão contra os puritanos que, nas suas famílias, exigem uma moralidade que eles são os primeiros a violar; estão contra aquelas pessoas piedosas, especialmente o clero, que dão terrível importância ao sexual, mas carecem de caridade, sem a qual a pureza se torna agressiva e farisaica. Os jovens revoltam-se especialmente contra o fariseísmo internacional, tanto dos países capitalistas como dos países comunistas. O capitalismo, apesar da sua defesa do indivíduo e da liberdade, é egoísta, interesseiro e cruel. Não hesita em esmagar seres humanos, quando o exigem os benefícios a obter. Sob pretexto de salvar o mundo livre, comete horríveis atrocidades contra a liberdade. Fala com orgulho da tradição e da família, mas não cria as condições adequadas para que os trabalhadores e os pequenos proprietários promovam as próprias famílias. Dá grande importância à religião quando isso favorece os seus interesses, mas desafia-a e persegue-a quando ela luta pelo desenvolvimento do homem total e de todos os homens. Em nome da iniciativa privada, mantém monopólios e coligações nacionais e internacionais. Por seu lado, o marxismo chama-se a si mesmo o único humanismo autêntico. Na prática, superpotências, que se envaidecem de se inspirar em Marx, são tão frias e egoístas como os rivais capitalistas. Não admitem pluralismo no mundo socialista: temem a inteligência, a liberdade, a criatividade, a originalidade, quando estas não estão de acordo com os rígidos preceitos do partido. Fomentam o supermilitarismo e promovem guerras que não se distinguem em nada das guerras capitalistas. Estes homens encerram-se a si próprios no ateísmo, sem dar conta de que uma pessoa pode crer no Criador e não se sentir escravo, mas concriador, encarregado de dominar a natureza e de consumar a criação.*

«O sexto é a evasão. *Os jovens quase sempre vêem mais além e mais profundamente do que os adultos, e lamentam que haja tantos padres e mestres, escritores e políticos que persistem em fugir da História e das guerras do tempo e do espaço. Os jovens, sobretudo, repudiam toda a pretensão de adaptar a vida universitária à automatização dentro de moldes capitalistas.*

«O sétimo é o medo. *Os jovens vêem o medo dos pobres e o medo dos ricos. O subdesenvolvimento físico e material conduz ao subdesenvolvimento moral. Quando a miséria, a fome e a total dependência dos ricos e dos poderosos existem, então, há medo: medo de desemprego, de perder uma choça miserável e própria; medo de ser preso, de ser golpeado e aniquilado. As pessoas têm medo de falar, de responder... Duas terças partes da humanidade vivem com este medo. Quando pensamos na outra terceira parte, tão feliz e próspera, parece que nela não haveria lugar para o medo. Mas há: medo do comunismo, da revolução, da mudança de estruturas. Teme o que nós, os brasileiros, chamamos conscientização, o despertar da consciência. Teme a explosão da população e da insurreição dos povos de cor».*

E D. Hélder Câmara termina, incentivando os jovens à luta contra estes sete «pecados capitais do mundo contemporâneo», ou, por outras palavras, ao combate às diversas fomes dos homens de hoje, recentemente analisadas no 41.º Congresso Eucarístico Internacional:

«É bom que vos manifesteis contra os sete pecados capitais do mundo de hoje. Mas podeis e deveis ir mais longe. Deveis criar um mundo multirracial, onde as várias raças se respeitem mutuamente e se associem e misturem como irmãos. Deveis mudar radicalmente os moldes do comércio internacional, eliminar o neocolonialismo e promover o desenvolvimento de toda a humanidade. Tendes que fazer guerra, a fim de que se possa realizar o grande apelo do Papa Paulo: jamais a guerra, nunca mais a guerra. *Deveis superar o paternalismo que não reconhece direitos e, principalmente, o mais importante dos direitos, que é o da* consciencialização, *da tomada de consciência. Deveis deixar, por uma vez, o fariseísmo dos indivíduos e das famílias, o nacional e o internacional. Deveis evitar a evasão, sobretudo nas universidades. Deveis ter apenas um medo: o medo de ter medo, o medo de ser cobardes».*

JOÃO HENRIQUES FIDALGO

Um barrista aveirense DE HOJE

(Continuação da primeira página)

a dar-lhes forma e a revestí-las de cores e de esmaltes, a verdade é que, ao natural chamamento de tão abundante e estimável matéria-prima, quase sempre correspondeu o mérito dos nossos numerosos — alguns deles famosos — coroplastas. Zé-Augusto surge, assim, na linha duma honrosíssima tradição artística — mas surge com formas e linhas e cromática actualizadas, numa expressão solta e livre das clássicas regras — surge como um barrista dos nossos dias. No figurativo, dá-nos a verdade com penetrante intuição psicológica, imprimindo às suas produções — por vezes com deliberado, mas certo, toque caricatural — o sopro de vida que as torna expressivamente dinâmicas — particularmente nas figuras populares regionais: os exemplos ver-se-ão (oxalá!) na sua projectada e próxima mostra.

Zé-Augusto já alcançou jus, por seus indiscutíveis créditos artísticos, a um registo biográfico:

José Augusto Ferreira dos Santos, de seu nome completo, nasceu, a 12 de Fevereiro de 1930, em pleno coração da nossa Beira-Mar, mais rigorosamente: na Rua do Vento. Frequentou Pintura Cerâmica na Escola de Fernando Caldeira. Durante dois anos trabalhou, como servente de oleiro, na empresa «Faianças de S. Roque». Na «Artibus», e também por dois anos, exerceu a profissão mista de pintura e olaria. A partir de 1950, e até 1973, foi, nas «Fábricas Aleluia», pintor de painéis, inicialmente, passando depois à modelação — mas, durante esse período, trabalhou também, em regime de *party-time*, nas oficinas de «Barros de Aveiro», pequeno artesanato, fundado por ele, e outros, na Viela da Azenha da próxima freguesia de Aradas. Durante dois anos lectivos, e em regime de frequência voluntária, foi orientado, na Escola Industrial e Comercial de Aveiro, pelo prof. Mário Truta na confecção de algumas esculturas. Em 1973, embarcou para Angola com seu irmão Manuel Máximo de Oliveira (também aveirense), montando, em Sá da Bandeira, uma pequena cerâmica, para a qual ambos construíram o respectivo edifício; mas, precisamente na altura do arranque industrial e artístico, as conhecidas convulsões angolanas forçaram-no a regressar. Presentemente, Zé-Augusto trabalha, como modelador, na «Fábrica do Outeiro», em Águeda; e é na sua casa de Aveiro (hoje, às Pombinhas) que ele sacrifica os seus lazeres à arte que o apaixona. Na cidade, só entrou em exposições colectivas; em diversos pontos do País expôs, mas também conjuntamente com outros aveirenses. Zé-Augusto foi destacado elemento da secção «Aveirarte» do Clube dos Galitos.

A CIDADE

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

Sábado	MODERNA
Domingo	ALA
Segunda	AVEIRENSE
Terça	AVENIDA
Quarta	OUDINOT
Quinta	SAÚDE
Sexta	NETO

Das 9 h. às 9 h. do dia seguinte

Pela CÂMARA MUNICIPAL

A Comissão Administrativa do Município aveirense deliberou (com três abstenções) adquirir uma máquina com cilindro incorporado, por 41 250$, para tratamento do relvado do Estádio de Mário Duarte, também utilizável nos ajardinamentos públicos da cidade.

CAÇA DAS CODORNIZES

A Comissão Venatória Regional do Centro, faz público que, de harmonia com o disposto no art.º 60.º de Decreto-Lei N.º 354-A/74, de 14 de Agosto, a caça às *codornizes* é permitida a partir das datas indicadas no edital publicado com data de 19 de Agosto corrente, até ao primeiro domingo de Outubro, sem cães ou com cães «de parar» nos locais designados no citado edital.

NO DISTRITO DE AVEIRO — a partir do dia 12 de Setembro, nos concelhos de ÁGUEDA, AVEIRO, ESTARREJA, ÍLHAVO, OVAR e VAGOS.

UNIÃO DOS REFORMADOS DA PREVIDÊNCIA

Foi tornado público que a Delegação de Aveiro da Associação Sindical da União dos Reformados da Previdência, recentemente criada, funciona às terças e quintas-feiras, das 15 às 19 horas, na União dos Sindicatos de Aveiro/Intersindical, na Rua de Belém do Pará, 4-1.º-Esq., desta cidade.

PEDIDOS RECORDE DE BATATA DE SEMENTE

Com destino à próxima campanha, terminou no primeiro dia deste mês o período destinado às necessárias inscrições para aquisição de batata de semente.

Na Cooperativa Agrícola e Leiteira do Concelho de Vagos, registaram-se pedidos no montante de 17 mil sacos (850 toneladas) o que representa a maior quantidade atingida até agora. No ano findo, foram requisitados apenas 4 mil sacos (200 toneladas).

O INATEL E O TEATRO

A delegação do INATEL pretende promover a animação de Teatro neste Distrito, para o que tem ao seu serviço dois Animadores Culturais: JOSÉ MARQUES RODRIGUES e RUI LEBRE.

Numa primeira fase, pretende-se saber as organizações ou colectividades (filiadas ou não no INATEL) interessadas na criação de agrupamentos teatrais ou de fantoches, para se poder fazer a planificação das actividades que irão ser promovidas.

Numa segunda fase, os Animadores Culturais desta Delegação contactarão directamente os agrupamentos interessados para lhes dar as informações necessárias ao arranque deste trabalho, estudarem «in-loco» as potencialidades locais e sociais e aconselharem um seu melhor aproveitamento. Depois, dentro da programação que for estabelecida em cada agrupamento, em função do interesse dos seus elementos, será dado apoio artístico e técnico às realizações empreendidas.

Pretende ainda esta Delegação fomentar a criação de um agrupamento de fantoches local, para o qual já existem algumas pessoas interessadas, aceitando-se inscrições de trabalhadores e estudantes. Este grupo terá a finalidade de fazer um trabalho de animação de teatro de fantoches nos Centros Rurais do Distrito.

Pedem-nos para solicitar que esta Delegação seja informada da data e hora mais convenientes para a visita dos seus Animadores Culturais, a fim de serem prestadas as informações necessárias.

ACIDENTES

● Vítima de um disparo de espingarda «G-3», involuntariamente feito por um companheiro seu, viria a falecer, dias depois, no Hospital Militar Regional do Porto, para onde fora transportado de helicóptero, o soldado do Destacamento Militar de Aveiro António Tavares da Costa, de 21 anos de idade, natural do lugar da Lomba, Castelões, Vale de Cambra. O funeral do inditoso jovem realizou-se já, do Porto para o cemitério da sua terra natal, com grande acompanhamento, em que se integrou uma representação daquela unidade militar aveirense.

● Na tarde da última quarta-feira, na estrada que liga Cacia a Sarrazola, o ciclomotorista Francisco de Oliveira e Silva, de 16 anos, empregado fabril, sofreu um embate com uma camioneta, vindo a falecer pouco depois, dada a gravidade dos seus ferimentos.

O desafortunado rapaz foi ainda conduzido na ambulância do SNA para o Hospital desta cidade, mas chegou ali já sem vida.

● Devido à queda da motorizada em que se fazia transportar, deu entrada, no Hospital Distrital de Aveiro, em estado de coma, o operário Henrique Manuel, de 39 anos, residente na freguesia da Glória, desta cidade, que, posteriormente, teve que ser transportado para um hospital do Porto num helicóptero da Base Aérea de S. Jacinto.

ASSOCIAÇÃO RECREATIVA E CULTURAL DE QUINTÃS

Desde 1 do corrente, decorrem as realizações comemorativas do 1.º Aniversário da Fundação e Inauguração da «Associação Recreativa e Cultural de Quintãs».

Foi programado: para o primeiro dia, à noite e no salão da colectividade, um espectáculo de variedades, com a comédia em 2 actos «O Papagaio do Jeremias», pelo Grupo Infantil da tão promissora Associação e com o duo Surpresa c/ Surpresa; para amanhã, sábado, representação da peça «O Mar» (três actos), de Miguel Torga. Para domingo, 5, no Campo do Lamarão: de manhã, atletismo e ciclismo; à tarde, desafios de futebol, com equipas femininas e masculinas; à noite, actuação dos ranchos folclóricos de Vila Pouca do Campo.

"POP-LAR — Comércio de Artigos para o Lar, L.da"

CARTÓRIO NOTARIAL DE VAGOS

Certifico para efeitos de publicação que, por escritura de 25 de Agosto de 1976, lavrada neste Cartório, a cargo do Notário Lic.º António Joaquim Marques Tavares, e exarada de fls. 59 v.º a 62, no livro de notas para escrituras diversas n.º C-20, foi constituída entre *Joana de Ascensão Lourinho Ferreira Teixeira, Olinda Fernandes Alves* e *Selene da Cruz Almeida Campino*, todas casadas, residentes na cidade de Aveiro, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, nos termos dos artigos seguintes:

1.º — A Sociedade adopta a denominação de Pop-Lar — Comércio de artigos para o Lar, L.da, tem a sua sede na Praça Dr. Joaquim de Melo Freitas, da cidade de Aveiro e durará por tempo indeterminado e iniciará a sua actividade hoje;

2.º — O seu objecto é a venda por grosso e a retalho de louças, vidros, brinquedos, utilidades domésticas, aparelhagem electrodoméstica e qualquer outro ramo de negócio que a sociedade resolva explorar;

3.º — O capital social, integralmente realizado em dinheiro é de 360 000$00, dividido em três quotas iguais de 120 000$00 cada, pertencentes a cada uma das sócias;

4.º — A cessão de quotas aos descendentes em linha recta de qualquer sócia, ou ao conjuge da sócia é livremente permitida.

§ 1.º — A cessão de quotas a qualquer outra pessoa fica dependente do consentimento da sociedade em primeiro lugar e das sócias em segundo lugar, para nesta ordem usarem do direito de opção;

§ 2.º — A sócia que pretender ceder a sua quota nos termos do parágrafo anterior fará a respectiva comunicação à sociedade e aos sócios por meio de carta registada com aviso de recepção e no prazo de dez dias a contar do recebimento desta Carta a gerência convocará a Assembleia Geral que, para o efeito, terá de reunir dentro dos vinte dias imediatos, devendo ficar a constar obrigatoriamente da acta, as razões devidamente fundamentadas da preferência ou da renúncia a este direito por parte da Sociedade;

§ 3.º — Se a sociedade renunciar ao direito referido no parágrafo primeiro, as outras sócias que quiserem usar do direito de preferência terão de o comunicar, no prazo de dez dias a contar da data da renúncia da Sociedade, por carta registada, com aviso de recepção e no caso de mais do que uma desejar usar desse direito, será a quota adquirida por elas, em igual proporção e, portanto, sem se atender ao valor da quota de cada;

5.º — A gerência da Sociedade, dispensada de caução e com ou sem remuneração conforme for decidido em Assembleia Geral, pertencerá a todas as sócias;

§ 1.º — Para obrigar a Sociedade, serão sempre necessárias as assinaturas de duas gerentes, sem distinção;

§ 2.º — Para assuntos de mero expediente bastará a assinatura de uma das gerentes.

6.º — Anualmente será dado balanço que será encerrado até 31 de Dezembro e aprovado até 31 de Março seguinte;

7.º — Aos lucros líquidos apurados será deduzida a percentagem para o Fundo de Reserva Legal e as importâncias que forem votadas para outros fundos ou fins de interesse social, sendo o restante saldo distribuído pelos sócios na proporção das suas quotas;

8.º — As convocações da Assembleia Geral, serão feitas com a antecedência mínima de oito dias, por carta registada com aviso de recepção, dirigida às sócias;

9.º — No caso de falecimento ou interdição de qualquer sócia, a Sociedade continuará com o representante da interdita ou com os herdeiros da falecida, devendo estes exercer em comum os respectivos direitos e designar, de entre eles um que a todos represente na Sociedade, enquanto a quota se mantiver indivisa.

Está conforme com o original, nada havendo na parte omitida além ou em contrário ao que aqui se narra ou transcreve.

Cartório Notarial de Vagos, 26 de Agosto de 1976.

O Ajudante do Cartório
a) António Rodrigues

POR UMA CIÊNCIA POÉTICA

Conclusão da última página

É absurdo procurar numa composição poética uma mensagem. Porque aquela está longe de transmitir apenas. Revela, antes, um trabalho de infatigável procura de cada palavra; tirar-lhe todo o sangue, vampirescamente, até a deixar seca. Morta. Só palavra. Revela, antes, um contínuo lapidar da palavra em estado bruto até atingir toda a plenitude brilhante.

O poeta na sua composição tem de ser tão rigoroso como um cientista nas suas experimentações. É de notar que um tal rigor não contradiz a liberdade criativa. Rigor poético é diferente de forma poética. No exercício poético clássico além da forma há ainda uma certa temática que aprisiona tiranicamente o poeta.

Tanto o poeta como o cientista, após a experimentação, devem criar uma teoria (ou lei) que encaixe e explique os resultados obtidos. Na poesia essa teoria chamar-se-á composição poética. É a partir destas que se constrói a poesia. Analogamente, a partir das várias teorias constrói-se a ciência.

Embora os chamados «indivíduos de letras» procurem defender que a poesia não tem qualquer ponto de contacto com a ciência, esta posição mostra exactamente a tacanhez de espírito de certos «especialistas». Infelizmente vários pseudo-poetas agarram-se a esta opinião com o intuito de reforçar o charlatanismo que vigora entre os «poetas». Quando apresento qualquer argumento, análogo a este, a um desses «poetas», noto imediatamente que apanhei um gato que se fazia passar por lebre. E a resposta despeitada faz-se ouvir. «Se um indivíduo de letras desse alguma opinião sobre a ciência de Newton você não se riria?»

E ei-los apanhados na sua própria rede. Sentem-se fortes nas suas limitações por não haver um critério de definição de poesia.

É de notar que, por outro lado, na ciência faz-se justamente o contrário. As teorias científicas estão de tal forma despersonalizadas que um estudante pode ser levado a pensar que a ciência se construiu sozinha ao longo dos séculos. É certo que a ciência actual (de Einstein até aos nossos dias) tomou formas que o método seguido por este artigo não pretende abordar.

No entanto, porque é que também não se procura nas várias teorias científicas uma mensagem como se faz nas composições poéticas? A geometria de Euclides, porque não é estudada conjuntamente com a época histórica e tendo por base as linhas de pensamento do seu autor? Não posso deixar de dar o exemplo de George Cantor. Toda a obra deste célebre matemático é fruto de uma época febril e de uma imaginação excepcional aliada a um tal trabalho de análise que o leva à loucura devido à carga emocional que lhe provoca a contemplação dos alephes (teoria complicadíssima que mais se assemelha a uma composição poética que a uma produção matemática).

Albert Camus, em o Mito de Sísifo, comenta a propósito do átomo de Bohr: «Ensinam-me que este universo... se reduz ao átomo e que o próprio átomo se reduz (?) ao electrão... falam-me de um invisível sistema planetário onde os electrões gravitam em redor de um núcleo. Explicam-me este mundo com uma imagem. Reconheço então que os homens se enbrenharam pela poesia: jamais «conhecerei» nada disso. Terei sequer tempo de me indignar? Já mudaram de teoria».

Contudo há os «cientistas» com a sua «imensa sabedoria» que pretendem ter um trunfo que estabelece um abismo enorme entre ciência e arte, mais particularmente poesia: a ciência tem leis que regem os fenómenos e teorias que os explicam. A esses pergunto quantas teorias há sobre os «quasars» e os «pulsars» e qual é a verdadeira. Decerto que respondem «várias» à primeira questão e «talvez nenhuma» à segunda.

É Rimbaud quem define a poesia actual necessária: «La poésie ne rythmera plus l'action, elle sera en avant». É preciso arrancar às palavras qualquer invólucro pernicioso e então estarão prontas para formarem misturas ou composições. Será uma disciplina informativa e formativa. Dará ao objectivo uma interpretação subjectiva que facilitará a assimilação e a comunicação.

Será como uma espécie de ficção científica e o seu conhecimento tão necessário como o conhecimento da ciência. Talvez a ciência poética seja o suficiente para que após a descoberta do poder nuclear não se verifiquem Hiroshimas e Nagasaks.

ARMANDO C. DUARTE

Ao adorno, do tempo, do irrealestruturante

Conclusão da última página

de haver. O homem conhecido não deixará, tão cedo, de ceder aos seus génitos, sempre algo do que potencialmente lhe valeu o atavismo de dezenas de séculos de servidão, imperceptibilizada ou profundamente nua e cruel.

Renúncia, pois. Ou antes, apesar dela.

Esteticismo discrepante porque desconhecemos (...) outra pulsão que não seja o nosso existente mais irrealestruturante ser. A nossa irrealidade?

Idolatricel, dirão, fuga para a arquilogosofia, do quietismo e da insensibilidade.

Riremos. Nem isso, nem nada.

Somos demasiado isentos, acreditem, de ambições: A metafísica está por nós, e nós... contr'ela!

O que não somos, não estamos, é moribúndicos.

19.8.76

MIGUEL AUGUSTO DE CARVALHO

PROBLEMAS SOCIAIS

(Continuação da primeira página)

-se a ler, escrever e contar — é certo. Mas semelhante saber era precário e provisório. O homem do campo, que nunca mais lera na sua vida, regressava despreocupadamente ao analfabetismo e contentava-se, na arte da escrita, a desenhar trabalhosamente o seu nome.

Acreditava-se, no entanto, que se estava realizando uma grande obra, sob o signo da Democracia e do Sufrágio Universal.

Todos os homens têm direito à instrução e à educação. Mas esse direito concretiza-se, para cada um deles, num nível que não pode ser o mesmo para todos.

Ainda neste campo se confirma a noção realista de uma desigualdade entre os seres humanos, que é incompatível com um critério «omnibus», que considera indispensável assegurar a todos a mesma possibilidade de acesso aos escalões superiores do conhecimento.

Se todos os homens têm de ser convenientemente educados, com vista ao preenchimento dos seus deveres de chefes de família e de cidadãos, já não pode pretender-se que a instrução seja difundida pela mesma forma. Há uma hierarquia das faculdades intelectuais que não se conforma com semelhante tratamento.

Quanto se fizer para ignorar as desigualdades naturais reverterá em diminuição dos valores das categorias mais elevadas e mais representativas de uma colectividade nacional.

Os homens não nascem iguais — em capacidade e faculdades mentais — e cada um tem as suas limitações. Querer desconhecê-lo conduz a um estado de coisas em que a quantidade supera a qualidade.

A selecção natural tem de operar nesta zona — como noutras — sem que ninguém se revolte contra imperativos das leis naturais.

Parece bem que certas pessoas possam consagrar-se aos trabalhos de força e outros não — simplesmente porque muitos são débeis e incapazes de um grande esforço físico.

Não podemos deixar de reconhecer a existência de distinções paralelas no que se refere ao esforço intelectual.

O homem tem direito à instrução, mas àquela instrução que está à altura da sua capacidade de formação e das suas possibilidades naturais.

De outro modo, pode haver muitas pessoas com diplomas, sem que por isso haja uma «élite».

Com o século XVIII extinguiu-se a nobre tradição dos «beaux esprits», que tinham o gosto do saber pelo saber, numa época e num meio em que se podia falar de uma «arte de ler».

A cultura tinha então um sinal aristocrático verdadeiramente inconfundível, que se perdeu na transição para a centúria seguinte.

Com o século XIX assistiu-se a um fenómeno lamentável que criou um novo condicionalismo, o qual viria a exercer neste sector a mais funesta influência.

Estava-se então num período de democratização das coisas do espírito. As teorias da igualdade polarizavam todas as atenções para os aspectos primários da instrução...

A revolução não precisava de sábios — já se proclamava quando se guilhotinou *Lavoisier*. O que importava era que toda a gente soubesse ler e escrever — sem, de resto, haver a mínima ideia do que as pessoas pudessem ler e do uso que fariam da arte da escrita.

A divulgação da instrução passou a representar, para muita gente, um programa completo de política do espírito.

Mas, com o século XX, o mal agravar-se-ia, na medida em que se introduziam no campo da formação intelectual ideias puramente utilitárias.

Não deixaria de afectar a esfera da cultura o denominador comum do materialismo contemporâneo. A formação intelectual deixou de ser esse fim em si mesmo e passou a ser considerada, praticamente, como se fosse apenas um meio. Para a grande maioria, um curso vale apenas pelo diploma que confere e pela utilidade que reverte para o seu portador.

Deixou de haver grande lugar para o saber pelo saber.

ZÉ-DE-VIANA

A Câmara Diz e Contradiz(-se)

Conclusão da última página

que ficara decidido num anterior plenário municipal não era que se iria construir uma Galeria d'Arte, como os jornais haviam trazido a lume, concorrendo para a desastrosa desinformação daquele digno camarista. Ele, vogal, não votara nada disso. O que ficara decidido, sim e apenas, era que a discussão e votação do assunto só teria lugar quando fosse apresentado àquela C.A. o orçamento das obras necessárias ao projecto da Comissão Municipal do Turismo — a tal das exposições, concertos, etc....), mal se adivinhava que a Galeria estivesse ainda tão longe de ser realidade. Pensava-se que era para já. E, de facto, pela entrevista que nos concederam o Presidente da Comissão de Turismo, sr. Alberto Andrade, e o Chefe dos Serviços do Turismo, sr. Diamantino Dias, tudo parecia estar a postos para se arrancar, com uma exposição colectiva (Aveiro/Arte, Aveiro/Arte, Aveiro/Arte — depois falamos!) lá para outubros.

Simplesmente, a coisa está (irremediavelmente?) encravada.

Factos: A C.G.D. pretende a «loja» para montar os necessários serviços de crédito. A C.G.D. tem espaço; tem, como gostam de notar os nossos dois entrevistados, um prédio enorme, (bonito), que mais parece um hotel (e, acrescentaria o vice-presidente da C.A., sr. Orlando Cruz... para os menos necessitados!). Adiante.

A Comissão de Turismo faz, e com bizarria, finca-pé. Há tanto por onde, bem podiam concertar as coisas, ir a C.G.D. para alhures, e deixar-nos, ali, tão riazinha, tão à mão de semear, a Galeria, qu'até lá entravam aqueles que nunca entraram, não entram, nem entrarão nunca... se as exposições continuarem no 2.º andar, dito Salão Cultural (com algumas, aliás, glórias, perdoe-me Senhor Munícipe Vereador).

É escusado alongar.

Na última sessão, 24/8/76, a polémica, entre os dois vogais já nomeados, de tépida, obrigou à releitura, de resto desatenta, da Acta referente à Sessão em que se votara... já vamos ver o quê.

O Doutor Armando Seabra, que não. Que se abstivera de *votar contra* (abstivera-se apenas de *votar*, como consta da acta) a construção da Galeria e, bem assim, de fazer a sua declaração de voto negativo — porque o que estava à votação era apenas o adiamento ou não da discussão (e votação) sobre o assunto, para quando houvesse orçamento. Aguardava essa discussão para, então, se pronunciar. E todo o imbróglio está, quer-nos parecer, nisto...

1.º, não se vê bem por que se absteve o Sr. Vogal A.S. quando, afinal, concordava no adiamento da discussão; se..., de facto, apenas o adiamento estava em votação — o que não parece ser exacto, di-lo a Acta.

2.º, a abstenção do Sr. Dr. A.S. é uma forma de se «pronunciar». E pronunciou-se, salientemente, convenientemente.

Da Acta consta que a proposta da construção da Galeria *foi aprovada em princípio*, com tais e tais abstenções, tantos contra, tantos a favor, condicionada essa construção ao orçamento a apresentar...

Assim, a votação que terá ainda de ser efectuada, respeita, tão-só, à eventual inviabilidade financeira. Logo, se o orçamento (o orçamento!) a apresentar merecer a aprovação da C.A., temos, pela certa, galeria, ainda que com um fiel inimigo de garantia e garantido. Uma pequena história camarária que mostra que assim é: na já referida sessão de 24/8, o Dr. Seabra, para ilustrar a sua tese, expõe: «por exemplo, se quando se discutir isto, for apresentado um orçamento de dez tostões eu continuarei a votar contra». João Sarabando, ao lado, comenta de imediato: «Eu aprovo logo!»

Claro que o Dr. A. Seabra continuaria a ter o direito de votar contra, quando fosse apresentado um orçamento de dez tostões. Claro que continuava a ter o direito de rejeitar um orçamento tão oneroso!

A Câmara diz e contradiz?

E, já agora, pegados que estamos com o munícipe Dr. Seabra (sem quaisquer melindres, claro, e com o respeitinho que é lindo) acrescentaríamos que a Câmara *SE* contradiz. Assim mesmo, pela base. Refiro-me, embora com este exemplo apenas, ao cinismo malescondido e autoconsoladora glória com que o Dr. A.S. parece ter atirado, para a mesa do Plenário, certas, aliás, incircunstancialmente certas, palavras... que não são aqueles que mais parecem defender a arte os que mais amam a arte, não!

O diabo é que, momentos antes, o mesmo munícipe, declarara bem declarado que, no seu entender, a música de que precisa hoje o Povo, não é a de Beethoven. Isto é insignificante, em certa medida. O que não deixa é de dar uma ajudazinha... práquestão!, como dizem cá uns patrícios meus.

MIGUEL CARVALHO

Considerações 'Marginais

Continuação da 1.ª página

monumento e desgradamente do próprio busto.

Caso as nossas «Considerações» tenham, de algum modo, contribuído para a preservação daquela memória, aqui estamos a cumprir o grato dever de testemunhar o nosso reconhecimento a quem quis dar ouvidos à nossa voz.

ARNILDE ALBERTO

PANDEMOCRACIA

Continuação da 1.ª página

é nódoa de gordura para a qual só uma lixívia existe: a drástica expulsão do lugar que ela nunca (por nuncal) devia ter ocupado.

Mau o despotismo de um só. Mau o despotismo de alguns — o da oligarquia sobre a maioria. Péssima a oclocracia — que é o despotismo da maioria aritmética sobre a minoria qualificada.

CRUZ MALPIQUE

Jogos Particulares

Conforme anunciámos, o Beira-Mar — no seu programa de rodagem dos futebolistas que integram o «plantel» para a próxima época — efectuou, até o passado domingo, diversos desafios (em Vila Real, em Espinho e em Aveiro), depois do jogo-apresentação, nesta cidade, com o Sporting de Espinho, a que já na semana finda nos referimos.

Damos, agora, algumas nótulas alusivas às outras partidas, seguindo a ordem por que foram realizadas.

●

Na capital transmontana, na noite da penúltima terça-feira, 24 de Agosto findo, os auri-negros triunfaram por 2-1, com 0-0 no final da primeira parte.

A turma aveirense chegou ao avanço de 2-0, em golos de Abel e Jorge, respectivamente aos 75 e 77 m., consentindo o ponto de honra dos vila-realenses aos 81 m.

O Beira-Mar alinhou do seguinte modo, inicialmente: Jesus; Guedes, Vitor, Soares e Poeira; Cremildo, Zezinho e João Gomes; Paco, Manecas e Sobral. Jogaram ainda: Rola, Manuel José, Sousa, Rodrigo, Jorge e Abel.

●

Em Espinho, no **III Torneio da Costa Verde**, houve sensação! Na ronda inaugural, entre Espinho e Feirense, registou-se empate (1-1), que viria a ser desfeito a favor da turma da Vila da Feira, por 4-2, na marcação de grandes penalidades; e, no dia imediato (sexta-feira passada), o Beira-Mar seria afastado da discussão do primeiro posto, ao perder ante o Lusitânia de Lourosa (0-2) — num desafio em que os beiramarenses foram surpreendidos pela «impetuosidade» dos seus antagonistas («impetuosidade» excessiva, realce-se, que deixou marcados muitos dos auri-negros de Aveiro...).

Deste jeito, no sábado, para se estabelecer a classificação final, defrontaram-se Espinho-Beira-Mar e Feirense-Lusitânia, ganhando os primeiros, por score igual: 3-2 — ficando as turmas assim escalonadas: 1.º — Feirense. 2.º — Lusitânia. 3.º — Espinho. 4.º — Beira-Mar.

Contra o Lourosa, os beiramarenses formaram deste modo: Jesus; Guedes, Vitor (Manecas), Soares e Poeira; Manuel José, Rodrigo e Sobral; Paco Tebar (Zezinho), Abel e Sousa.

No desafio com o Espinho, a equipa actuou com estes elementos: Jesus; Vitor, Soares e Poeira; Manuel José

Continua na penúltima página

AVEIRO nos NACIONAIS

Começam a disputar-se este fim-de-semana, com desafios já amanhã (sábado) e no domingo, os Campeonatos Nacionais, na I, II e III Divisões — em que a Associação de Futebol de Aveiro se encontra representada por quinze dos seus clubes filiados.

Indicamos, a seguir, dentro de cada escalão, o programa geral dos nacionais, nas séries que directamente interessam aos clubes do nosso Distrito. Temos, portanto:

I DIVISÃO

Académico-Vitória de Setúbal, Estoril-Boavista, Braga-Belenenses, Sporting-Benfica, Atlético-Vitória de Guimarães, Porto-Potimonense, Montijo-Leixões e Varzim-BEIRA-MAR.

Os jogos de Alvalade e das Antas disputam-se hoje, à noite; e o da Tapadinha, hoje, à tarde (17 horas).

II DIVISÃO

ZONA NORTE — Vila Real-Paços de Ferreira, Fafe-ESPINHO, Riopele-Salgueiros, Paredes-Penafiel, Tirsense-Famalicão, Chaves-Gil Vicente, Vilanovense-LAMAS e LUSITÂNIA-Régua.

ZONA CENTRO — Académico de Viseu-Caldas, FEIRENSE-Tor-

Continua na penúltima página

DISTO E DAQUILO... AO ACASO

RUBRICA DO DR. LÚCIO LEMOS

O 1.º GOVERNO CONSTITUCIONAL E O DESPORTO

Por se nos afigurar revestir-se de interesse para os nossos leitores, decidimos publicar nestas colunas, a partir desta data, não só o que consta do programa do 1.º Governo Constitucional, formado pelo Partido Socialista, mas também as respostas que os dirigentes do referido Partido deram face ao questionário que, acerca do «lugar que o Desporto e a Educação Física devem ocupar na nova sociedade portuguesa» lhes foi apresentado pelo semanário «A Bola», em Abril de 1975.

Do programa do 1.º Governo que recentemente foi debatido (e «passou») na Assembleia da República consta o seguinte acerca do desporto:

«Para melhor inserir o Desporto nas actividades formativas globais que a Escola visa atingir, considera-se prioritário:

— Definir uma política de pequenos recintos que sirvam as escolas de instrução primária;

— Intensificar as actividades gimnodesportivas na Escola, especialmente para o Ensino Básico, incentivado paralelamente a forma-

Continua na penúltima página

II MEIA-MILHA DA COSTA NOVA

Com data de 25 de Agosto findo, recebemos da Comissão de Natação da Associação de Desportos de Aveiro — incumbida da organização da II Meia-Milha da Costa Nova, no próximo dia 12 — um comunicado do seguinte teor:

1 — Embora já alguns Clubes inscritos garantam a presença na prova de mais de cem nadadores, resolveu esta Comissão adiar para 2 de Setembro a data de entrega das inscrições,

Continua na penúltima página

SANGALHOS

Vencedor da "VOLTA"

A 38.ª Volta a Portugal em bicicleta terminou no passado domingo, em Lisboa — com triunfos finais para Firmino Bernardino (Benfica) e para o Sangalhos, colectivamente.

Relevante, sem dúvida, o êxito dos bairradinos, por equipas — um êxito que é justo prémio para o inegável valor dos jovens representantes do Sangalhos, que, na geral individual, teve três corredores entre os dez melhores: António Fernandes (2.º), Floriano Mendes (3.º) e Venceslau Fernandes (9.º). Dos sete bairradinos que iniciaram a «Volta», apenas dois ficaram pelo caminho (José Bispo e Manuel Durão), classificando-se os restantes nestas posições: Luís Gregório (22.º) e Rui Azevedo (42.º).

Temos, portanto, que nesta edição de 1976, o Sangalhos foi o grande vencedor da «Volta»!

Xadrez de Notícias

● O futebolista José Marques acabou por continuar ao serviço do Beira-Mar — não se confirmando, portanto o seu ingresso noutra colectividade (Espinho e Régua foram os clubes mais referidos).

Marques já participou, esta semana ,nos treinos dos beiramarenses.

● A turma sénior do Sangalhos, vice-campeã nacional de basquetebol, participará, na próxima temporada, numa competição europeia — a Taça «Korac».

Os jogos da primeira eliminatória efectuam-se em 19 e 26 de Outubro próximo, cabendo aos bairradinos defrontar uma turma italiana: G. S. de Bologna.

● Os velejadores da frota «vaurien» do Sporting de Aveiro participaram — com um êxito deveras relevante — nas regatas do Torneio do «Patrão Lopes», efectuadas em Lisboa, no último fim-de-semana.

Mais de espaço, voltaremos a falar deste sucesso dos «leões» aveirenses, no nosso próximo número.

● Em S. João da Madeira, no sábado e no domingo, disputou-se o «Torneio Amizade» — quadrangular que registou a seguinte classificação final: 1.º — Sanjoanense. 2.º — Arrifanense. 3.º — Alba. 4.º — Oliveirense.

Resultados dos jogos: Sábado — Arrifanense, 2 - Oliveirense, 1 e Sanjoanense, 3 - Alba, 0. Domingo — Alba, 1-Oliveirense, 0 e Sanjoanense, 3 - Arrifanense, 0.

● A Associação de Ciclismo de Aveiro faz disputar no próximo domingo, com início às 17.30 horas, num total de 80 kms., o **Circuito Ciclista de Vilamar / Febres** — prova aberta às categorias de Juniores / Seniores e Especiais e que contará para o Troféu «Argibetão».

CAFÉ PALÁCIO *ganhou o* TORNEIO DO BEIRA-MAR

FUTEBOL DE SALÃO

Teve o seu epílogo na noite de sábado, em jornada que registou autêntica enchente no Pavilhão do Beira-Mar, o Torneio de Futebol de Salão este ano organizado — com êxito total, nos aspectos desportivo e financeiro — pelos elementos dos «Cravas» do Beira-Mar.

Na antevéspera, na noite de quinta-feira, jogaram-se as meias-finais do torneio. A abrir, **Team Queirós** e **C. D. Salreu** persistiram na igualdade, a zero, mesmo depois do prolongamento previsto. Houve de recorrer aos **penalties**, para o desempate, vencendo o C. D. Salreu por 2-0.

Sob arbitragem dos srs. Adriano Costa e Laço Padilha, as turmas formaram assim:

TEAM QUEIRÓS — Miranda, Manuel, Abílio, Armando, Castanhas, David, Carvalho e Eng.º Silva.

C. D. SALREU — Emídio, Moreira, Fonseca, Manuel Dias, José Carlos, José Cândido, Daniel e Agostinho.

As grandes penalidades foram marcadas, pela ordem que indicamos: José Carlos (poste), Fonseca (golo), Agostinho (golo) e Emídio (defesa) — pelo C. D. Salreu; e Manuel, Abílio, Castanhas e Armando (todas defendidas por Emídio!) — pelo Team Queirós.

No segundo jogo, com empate em branco, na primeira parte, registou-se igualdade (1-1) no final do jogo e do prolongamento que se seguiu. No desempate por grandes penalidades, o Café Palácio ganhou por 2-0, pelo que se qualificou finalista.

Arbitraram os srs. José Costa e Francisco Carvalho, e as equipas formaram assim:

CAFÉ PALÁCIO — Chico, Joca, Nunes, Ulisses (1), Clemente, Alberto e Fortuna.

UNIMAR — Vitorino, Costa, Loura, Silva (1), Peão, Ratola, Castanheira, Amaro, Albuquerque e Rodrigues.

Sequência das grandes penalidades: Nunes (golo), Clemente (golo), Chico (ao lado) e Ulisses (por alto) — pelo Café Palácio; e Peão (poste), Silva (por alto), Loura e Costa (ambas defendidas por Chico!) — pela Unimar.

———

A jornada de sábado englobou dois magníficos desafios, e, entre ambos, um jogo ao jeito de **cow-boyada** carnavalesca (jogaram OS ÍNDIOS SIOUX e o SINDICATO COPOFÓNICO...), cujos intervenientes tiveram o condão de dispor bem os assistentes, com as suas mirabolantes peripécias pedibolescas...

Exibiu-se, também, a jovem e gentil patinadora Maria João Loureiro Lemos — em actuação que a assistência premiou com merecidas palmas.

Na discussão do terceiro posto, em jogo arbitrado pelos srs. Vieira da Silva e Evangelista Jorge, o **Team Queirós** venceu a Unimar, por 2-1 (com 2-0 ao intervalo).

As equipas tiveram a seguinte constituição:

TEAM QUEIRÓS — Carvalho, Manuel, Castanhas, Armando, David (1), Abílio, Eng.º Silva (1) e Miranda.

UNIMAR — Vitorino (Rodrigues), Costa, Silva, Loura (1), Amaro, Peão, Castanheira, Ratola e Albuquerque.

Na final da competição, arbitraram os srs. José Pedro Graça e João Ferreira da Silva, apresentando-se as equipas assim formadas:

CAFÉ PALÁCIO — Chico, Carlos Jorge, Clemente (1), Joca (1), Ulisses (2), Nunes, Alberto, Batel e Fortuna.

C. D. SALREU — Emídio, Fonseca, Moreira, José Carlos, Manuel Dias (2), Agostinho, Daniel, José Cândido, Gonçalves e Carlos Dias.

A partida foi muito disputada, registando-se diversas alterações no comando do marcador — emprestando ao desafio um clima de grande **suspense** e muito interesse.

Manuel Dias abriu o activo, sobre os 11 m., mas Joca repôs a igualdade (que se registava ao intervalo), volvido menos de um minuto. Na segunda parte, Clemente fez 2-1 para o Café Palácio, quando havia jogados exactamente 7 m. 42 s. — voltando Manuel Dias a golear, quase a seguir (8 m. 19 s.), com um tento cuja validade suscitou bastantes dúvidas e foi contestado pelos elementos do Café Palácio.

Houve, portanto, empate a duas

Continua na penúltima página

Quem são e o que fazem os finalistas

As quatro turmas que tomaram parte nos desafios das meias-finais e finais do Torneio de Futebol de Salão organizado pelos «Cravas» do Beira-Mar utilizaram, nesses jogos, os elementos que adiante identificamos — indicando os respectivos nomes, idades, naturalidades e profissões. Trata-se de curiosidade que, por ce to, muitos dos leitores apreciarão — e esse o intuito que nos levou a compilar as aludidas nótulas.

Vejamos:

CAFÉ PALÁCIO

Francisco Manuel Oliveira — CHICO — 21 anos, natural de Esgueira, desenhador e estudante do Instituto Superior de Engenharia. João Pedro Ferreira Ribeiro CLEMENTE — 22 anos, de Aveiro, estudante do Instituto Superior Técnico. João José Inácio NUNES — 24 anos, da Covilhã, torneiro mecânico. Jorge Manuel Corte-Oeal — JOCA — 22 anos, de Aveiro, estudante da Faculdade de Ciências de Coimbra. ULISSES Manuel Brandão Pereira — 22 anos ,de Aveiro, empregado de escritório e estudante finalista do Instituto Superior de Economia. Fernando José FORTUNA Pereira — 23 anos, de Aradas, desenhador. ALBERTO Martins dos Santos — 2 3anos, de Macinhata do Vouga, funcionário público. CARLOS JORGE Martins Pereira — 23 anos, de Albergaria-a-Velha, estudante da Faculdade de Economia do Porto.

C. D. SALREU

EMÍDIO Paiva Almeida — 24 anos, de Cacia, serralheiro civil. JOSÉ CARLOS Rodrigues — 21 anos, de Estarreja, soldador. Manuel MOREIRA — 19 anos, de Estarreja, serralheiro civil. DANIEL Costa

Continua na penúltima página

FUTEBOL

(Jorge), Rodrigo (Paco Tebar) e Sobral; Manecas, Sousa e Zezinho. Os «tigres» chegaram a 3-0, tendo os aveirenses reduzido para a diferença mínima, com tentos de Manecas (68 m.) e Zezinho (79 m.).

•

Finalmente, em Aveiro, no passado domingo, dentro do programa que estabeleceram para a necessária rodagem dos elementos das respectivas equipas, o Beira-Mar e o Vitória de Guimarães efectuaram um desafio amistoso, que decorreu com interesse e veio a concluir com tangencial triunfo dos minhotos por 2-1 (com 1-0, a favor dos vimaranenses, no final da primeira parte).

A vitória do Vitória de Guimarães aceita-se, como prémio para a melhor afinação e para o mais apurado sentido global dos elementos comandados por Fernando Caiado (defesa muito coesa e boa ligação entre os vários sectores, sendo de salientar o bom entendimento entre os avançados).

Registe-se, porém, que o Beira-Mar — porventura a ressentir-se de dois jogos consecutivos, nas noites de sexta-feira e de sábado, no III Torneio da Costa Verde, em Espinho — teve comportamento meritório, replicando, de modo positivo, à turma minhota, com quem lutou, alguns períodos, taco-a-taco. Os auri-negros viriam a claudicar, sobretudo, no aspecto da concretização de lances ofensivos — dado que os seus dianteiros, embora activos, se mostraram complicativos na finalização; e, embora causassem muitos sarilhos aos defesas do Vitória de Guimarães, não tiveram o necessário talento para aproveitar as diversas situações de golo que construiram.

Sob a arbitragem do sr. Joaquim Freire, da Comissão Distrital de Aveiro — coadjuvado pelos srs. Manuel Figueiredo (bancada) e Avelino Martins (superior) —, que fez um trabalho de bom nível, num desafio, que, aliás, decorreu sem problemas, as turmas utilizaram os seguintes elementos inicialmente:

BEIRA-MAR — Jesus; Guedes, Vitor, Soares e Poeira; Manuel José, Zezinho e Rodrigo; Sousa, Abel e Sobral.

VIT. GUIMARAES — Rodrigues; Alfredo, Celton, Torres e Osvaldinho; Pedroto, Romão e Pedrinho; Ferreira da Costa, Tito e Rui Lopes.

Alinharam ainda: pela turma de Aveiro — Jorge (46 m.), João Gomes (52 m.), Paco Tebar (56 m.) e Manecas (68 m.), em substituição, respectivamente, de Vítor, Sousa, Rodrigo e Abel; e, pela turma de Guimarães — Queirós (46 m.), Índio (46 m.) e Luciano (64 m.), rendendo, respectivamente, Torres, Rui Lopes e Ferreira da Costa.

Disto e daquilo... ao acaso

ção e actualização dos respectivos docentes e a criação de escolas pilotos;

— Incrementar as actividades juvenis em tempo de férias.

— O Desporto federado, assente em órgãos democraticamente constiuídos, será objecto entre outras, das seguintes medidas:

— apoio às Colectividades, nomeadamente pela adequada definição do seu Estatuto de utilidade pública, e permitindo-lhe desenvolver a ocupação dos tempos livres dos seus associados;

— apoio à realização de congressos desportivos a nível nacional;

— apoio à criação da Confederação dos Desportos democraticamente eleita;

— incremento do intercâmbio desportivo internacional, nomeadamente entre os países de expressão portuguesa».

Em próximas edições do **LITORAL** publicaremos as perguntas que «A Bola» fez em Abril de 1975 e as respostas que o Partido Socialista então entendeu deixar vir a público no tocante ao Desporto e à Educação Física em Portugal.

LÚCIO LEMOS

NATAÇÃO

inicialmente marcada para 25 de Agosto.

2 — O Clube vencedor do ano transacto — o Sport Algés e Dafundo — bem como o vencedor individual — Orlando Dias — asseguraram já a sua inscrição.

3 — Antes da prova, e por iniciativa do Capitão do Porto de Aveiro, haverá uma demonstração de salvamento, a cargo de um helicóptero da Força Aérea.

Totobolando

PROGNÓSTICOS DO CONCURSO N.° 2 DO «TOTOBOLA»

12 de Setembro de 1976

1	Setúbal - Varzim	1
2	Boavista - Académico	1
3	Belenenses - Estoril	1
4	Benfica - Braga	1
5	Guimarães - Sporting	1
6	Portimonense - Atlético	1
7	Leixões - Porto	2
8	Beira-Mar - Montijo	1
9	União Lamas - Chaves	1
10	União Coimbra - Peniche	1
11	Odivelas - Cuf	2
12	Olhanense - Juventude	1
13	Almada - Marítimo	X

Futebol de Salão

bolas, ao cabo do tempo normal... — pelo que teve de efectuar-se um prolongamento. Então, jogando com mais cabeça, em toada nítida de pujança de esforços, os elementos do Café Palácio chegaram ao triunfo ,com golos rubricados por Ulisses ,quando havia 59 s. jogados e quando restavam para jogar 58 s., respectivamente — e o C. D. Salreu procurava chegar ao 3-3...

Mal soou a buzina a dar o jogo por concluído, houve carnaval no recinto — chovendo, das bancadas, serpentinas para o rectângulo.

E, em fecho, houve a distribuição de prémios às equipas que participaram na prova.

Salientamos alguns dos troféus especiais: **Taça Disciplina** — 1.° — Pop-Shop. 2.° — Casa Santos/Toca do Grilo. **Melhor Marcador** — António José Melo (Galeria do Vestuário), com 22 golos. **Guarda-redes Menos Batido** — Fernando Luís (Padarias Beira-Mar), com 7 golos.

Quem são e o que fazem os finalistas

Ribeiro — 25 anos, de Oliveira de Azeméis, empregado de balcão. Manuel DIAS — 18 anos, de Estarreja, estudante. João FONSECA — 19 anos, de Salreu, estudante. AGOSTINHO Sousa — 19 anos, de Salreu, estudante. JOSÉ CANDIDO Pires — 19 anos, de Salreu, estudante. José Vieira GONÇALVES — 23 anos, de Salreu, bate-chapas. Carlos DIAS — 20 anos, de Salreu, estudante.

TEAM QUEIRÓS

António Gonçalves CARVALHO — 25 anos, de Vilar, desenhador. António Rodrigues SILVA — 24 anos, da Quinta do Gato, engenheiro electrotécnico. ABÍLIO de Sousa Ramos — 34 anos, de Aveiro, torneiro-mecânico. MANUEL Santos Ferreira — 27 anos, de Vilar, torneiro-mecânico. Alcino Manuel CASTANHAS Ferreira — 23 anos, da Mamarrosa ,estudante. ARMANDO Ferreira de Pinho — 23 anos, de Aradas, bate-chapas. DAVID Emanuel Madail da Cruz — 23 anos, de Aveiro, estudante. António Carlos Andias MIRANDA — 23 anos, de Aradas, cerâmico.

UNIMAR

VITORINO Valentim da Cruz — 21 anos, de Aveiro, electricista. Manuel Joaquim Ribau da COSTA — 20 anos, da Gafanha, empregado de cais. António Correia e SILVA — 28 anos, de Águeda, empregado bancário. Gil Manuel da Luz Santiago — PEÃO — 30 anos, de Aveiro, empregado bancário. Manuel Pereira Deus da LOURA — 30 anos, de Aveiro, empregado do Grémio da Lavoura. Manuel CASTANHEIRA — 22 anos, de Albergaria-a-Velha, professor do ensino secundário. Carlos Jorge Martinho AMARO — 22 anos, da Barra, empregado de escritório. Alfredo Orlando ALBUQUERQUE Gonçalves — 27 anos, de Esgueira, profissional de seguros. António RATOLA — 22 anos, da Presa, industrial de carpintaria. João Bastos RODRIGUES — 18 anos, de Estarreja, estudante.

AVEIRO nos NACIONAIS

riense, Covilhã-Portalegrense, União de Leiria-Marinhense, Estrela de Portalegre-ALBA, União de Santarém-SANJOANENSE, Peniche-União de Tomar e Torres Novas-União de Coimbra.

Temos, também aqui, dois jogos antecipados: Riopele-Salgueiros, às 17 horas; e FEIRENSE-TORRIENSE, às 21.30 horas.

III DIVISÃO

SÉRIE B — Lamego-Trancoso, CUCUJÃES-Lusitano de Vildemoinhos, Aliados de Lordelo-Leça, Freamunde-Infesta, Avintes-Leverense, Penalva do Castelo-OLIVEIRENSE, VALECAMBRENSE-PAÇOS DE BRANDÃO e ARRIFANENSE-Viseu e Benfica.

SÉRIE C — Esperança-Vilanovense, ANADIA-Mangualde, Tabuense-Marialvas, Febres-Ala-Arriba, Ançã-Covilhã e Benfica, Naval- OLIVEIRA DO BAIRRO, Guarda-Tondela e RECREIO DE ÁGUEDA-Gouveia.

DO ADORNO, DO TEMPO, DO IRREALESTRUTURANTE

MIGUEL AUGUSTO DE CARVALHO

O Adorno, esse frágil, corrupto, alienante degrau da estética, da beleza, é o último passo a dar-dado, antes da renúncia.

A ânsia, todavia, contrafeita pelintrice ou desesperada presunção, não se desculpa. Nega-se.

Também a renúncia. Mas quando com clareza e objectivos — o que, não sendo, talvez, o caso, agradando-nos a nós sobretudo que assim (não) seja, mais espantaria mentores e agrilhontes do pacato albergar de trastes, ou, quando não trastes, de alheios e tantas vezes pseudo-valores, que por esta terra abundam sem que se invente lixívia radical que desince, nos desince e nos obrigue, então, desinfectados, sem nimiedade mas também sem complexos de nenhuma espécie, que muito há aí, do passado e no presente, a rebuscar e a aprender — a mostrarmo-nos quanto vale um torrão de gentio, dês que se não queira ser nem individual nem colectivamente cão de recados, vezado, por pachorra, a ensenhoreamentos, sejam eles quais forem, com vocação universalizante, de fora, mas também da própria casa, e da melhor estufa, que os há e não deixará

Conclui na 5.ª página

COM UM PÉ NA URBE

A CÂMARA DIZ E CONTRADIZ(-SE)

A questão, por mais salamaqueque menos salamaqueque, é bem esta: uma Galeria d'Arte tem ou não prioridade, nesta urbe de munícipes realistas que não gostam de Beethoven..., sobre os interesses de uma nobre, mui Caixa Geral de Depósitos (dirão: do Povo Português... pois, pois, mas a questão é só essa — qual a prioridade!)?

Quando as primeiras notícias apareceram nos jornais diários habituais (coitados! Ainda por cima sempre a fazer papel de vítimas — ou já um pouco por recalcamento? — como na última sessão da Comissão Administrativa em que o ilustre vogal Dr. Armando Seabra, memória fraca, diabo de cardeal, por vício, os responsabilizava por mal *o terem informado* — e desde logo se mostrando superiormente alheio a um esclarecimento simples que lhe quisera prestar um mais afoito representante da Impensa. Afinal, o

Conclui na 5.ª página

Por Uma Ciência Poética

ARMANDO DA COSTA DUARTE

A poesia, ciência do desconhecido, está em crise. À força de ser uma ciência do oculto tornou-se acessível apenas a uma élite que vai sendo cada vez menor em quantidade embora, e felizmente, o inverso em qualidade.

Era inconcebível, há poucos anos ainda, uma composição poética com uma única palavra. Esta era um elemento que não tinha significado senão em conjunto. As palavras eram então usadas atendendo apenas à qualidade como simples objectos.

O dadaísmo, movimento anárquico principalmente na literatura, surgido após a 1.ª guerra mundial, deu um grande golpe na versificação até então praticada. Arrancou as palavras dos objectos e passou a usá-las como palavras.

A arte é arte. Que vão à arte buscar uma espécie de refúgio e que se fabricam «artistas» não se pode contestar principalmente nos países sub-artísticos. Há «artistas» que têm a pretensão de comunicar uma mensagem com a respectiva obra. Como se só e apenas eles tivessem algo para dizer. Não é preciso ser artista para ter uma mensagem. Basta ser humano. E então ou somos todos artistas ou não os há.

Da Grécia antiga até Rimbaud, mestre do simbolismo, o exercício poético, em geral, era contar algo através do verso. Este tinha regras que pouco tinham a ver com a imaginação criadora, fonte de todo o poético. Justifica-se, assim, a existência de dicionários de rimas e palavras poéticas. A imaginação, salvo raras excepções, consistia em encontrar «palavras que rimassem».

Com Rimbaud, o alquimista do verbo, há o renascer, após a exaustão, de um determinado tipo de exercício poético em todos os idiomas latinos.

«La poésie ne rythmera plus l'action; elle sera en avant». Rimbaud escreveu toda a sua obra dos 17 aos 19 anos. Depois, o silêncio. A palavra perdera os véus mórbidos da emoção frente ao desconhecido. Em Rimbaud encontra-se a loucura da descoberta da nudez das palavras o que provoca «un long, immense et raisonné dérèglement de tous les sens». É tempo da purificação da palavra. Esta passa a ser um elemento que por si só tem força. «A chave da poesia está na alquimia, ou na cabala ou na sabedoria hindu ou simplesmente num jogo de enigmas». (Michel Décaudin in préface à Rimbaud, œuvres poétiques).

Conclui na 5.ª página

DA MINHA CIDADE

Suicido-me lentamente
nesta pequena cidade

com cinemas e bordéis

igrejas

e ruas banhadas em
luz
com artistas incógnitos
e virgens sofisticadas

onde os mortos se rodeiam
da mais alta significação

vagueio
atento
ao murmúrio
das velhas cor de noite

e às vagas
preces
ecoando na religião

multidões reais
acumulam-se em labirintos
de palavras
sem significação

auto-satisfazendo-se
em perscrutar o horizonte
para motivação
sexual

as pessoas reproduzem-se
com a fúria selvagem
de viverem cada hora
em profundo recalcamento

mas as crianças
vingam-se nos trapos
com que se julga brincarem

e lentamente adormecem

nestes barcos submersos na noite
junta-se o silêncio e a calma
que convida a meditar

dizem que
nos subúrbios da cidade
as formas prendem povos
incógnitos na noite

mas as imagens sucedem-se
com o pasmo de cada dia
sem história.

JOÃO CARLOS

MITO

de J. C.

O templo erguia-se na noite. As enormes portas tenebrosas abriam-se em bocas escancaradas com o vento húmido. Sons baixos e cavos adensavam o espaço vazio limitado pelas paredes frias e repelentes que se erguiam paralelas.

O momento da noite que ilumina as diferenças rituais não tardaria. Anjos arrastavam-se com as asas ensanguentadas pelos altares de pedra brilhante. O sussurro pesado de membros apodrecidos violentava a rouquidão reinante.

Os púlpitos sobressaiam num ponto quase infinito do paralelismo das paredes. Não eram acessíveis a medíocres lamentos. Os pequenos altares espalhavam-se desconexamente por toda a extensão do templo.

Pegajosos pilares mágicos percorriam impulsivamente a noite interior cerrada de terror. Espalhavam um cheiro penetrante iniciador dos ritos intemporais.

Ouviam-se, misturados com o vazio, cânticos roucos trespassados por estranhas palavras.

O silêncio das vozes escondidas era gritante como o absurdo.

A escuridão envolvia sedosamente o afastamento. A eternidade tornava-o significativo no tempo.

De repente um grito surdo prostou os anjos dos altares. Um hálito quente penetrou o frio entre as paredes. As portas fecharam-se hermeticamente perante o desespero do vento néscio.

Estranhas modulações irromperam da escuridão que se ia transformando em penumbra.

O Mestre pressentia-se.

Surgiram sacerdotes vindos do silêncio mascarado. Rodearam um altar. As vestes mais escuras que a penumbra denunciavam os movimentos subterrâneos. Lentos e precisos, começaram espaçadamente a orar. Os lábios e os olhos permaneciam estáticos para além dos leves estremecimentos periódicos das vestes.

«— Velamos para que o tempo não nos surpreenda mas sentimo-nos velhos. O contacto humano torna-nos ferrugentamente mortais. Sabemos ser privilegiadamente desconhecidos. Mas a nossa missão humana é aterradora porque expulsaram os deuses do mundo.

Querem sobrecarregar o próprio corpo arruinado. Os templos são usados como museus. A ciência, embora pouco inteligente, é uma arma humana. E usam-na. Controlam quase toda a natureza e querem-se modificar também. Por meios apenas humanos. Sentimos medo. A guerra impiedosa aproxima-se e temos medo do desfecho. Os nossos lacaios abandonam a servidão e lutam para serem humanos. Não temos servos inteligentes. Os poucos que há também têm medo e odeiam a maldita ciência. Perdem-se em procuras através de orações estéreis. Famintos do próprio corpo destroem-se com jejuns purificadores. Acabam por descobrir que precisam de procurar mais além e voltam atrás desamparados.

Enquanto isso os humanos avançam.

A nossa missão acabou. Estas palavras são humanas e apesar disso falamos a linguagem dos deuses».

Os sacerdotes estremeceram violentamente. A humidade voltava a penetrar. Os sacerdotes prostraram-se em orações lamentosas rastejando ao lado do altar. Os anjos com os olhos sangrentos entoavam hinos que lhes dilaceravam a garganta.

«— Mestre, quem somos nós?»

As paredes desabaram em ecos que subiam até ao infinito.

V. C. DE MORAES

Tempo de conhecimento. Dilúvio. Eva e Adão trincam a maçã. Tempo de remorso, de querer e não poder, do seguimento da regra geral, da censura social. Desejo de escape. Ele vai, segue os outros, imita o ambiente. Fantasia — o super homem, a ultrapassagem do real existente. Para um melhor, mais santo, belo. Tudo na sua mente de criança. Deseja a santidade como algo possível (pelo menos assim o leu). Treina-se pessoalmente embora a prática seja impossível. Como este Mundo é contraditório! Vai vivendo na tolerância, semi-consciência.

★

Tempo de reconhecimento. Reconsciencialização. Futuriza as impossibilidades. Tempo do céptico. Amorfismo completo. Através dum caso fortuito descobre a necessidade da atribuição de um sentido à vida. Leituras, convivências. Pestilentas. Mas lê por hábito, convive por acaso (que se torna em vício). Pestilento! Regra de vida; significado. Que nada. Abstracto, inadmissível. Ao fim e ao cabo o que interessa é fazer..., elaborar para se pôr de acordo consigo mesmo. Porque depois viria o tempo do nada.

JORGE PAPOULA

No próximo n.º desta «página mensal» pensamos iniciar uma secção bibliográfica com indicação dos livros mais vendidos em toda a Região Aveirense, além de nótulas bibliográficas — para o que contamos já com a preciosa oferta de colaboração do Sr. Proença, proprietário da Livraria Estante. Incluiremos, no próximo n.º a sair a 1 de Outubro, além de diverso material, um conto do Zé-Miguel Imbert.